

Associação Nacional de História – ANPUH
XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

“Para mim, morrer por ti é viver, e viver sem ti é morrer”. O soldado de Deus e o jovem desertor: a carta de São Bernardo de Claraval (1090-1154) a seu sobrinho Roberto

Carlile Lanzieri Júnior*

Resumo: Uma das figuras mais influentes da Cristandade no século XII foi São Bernardo de Claraval. Homem ativo e de grande prestígio, Bernardo tornou Cister uma das ordens monásticas mais famosas da História, contrapondo-a à ordem de Cluny. Bernardo foi arguto defensor de uma volta triunfal às origens beneditinas do monasticismo, assim como ao modo de vida que Jesus levou ao lado de seus apóstolos: uma vida frugal e austera. Ao se entregar de corpo e alma a essa tarefa, Bernardo escreveu diversas cartas pregando, entre outras coisas, o que acreditava serem os verdadeiros valores que norteariam a existência de um monge. Das muitas cartas deixadas por este santo, analisaremos nesta comunicação a que ele redigiu a seu sobrinho Roberto, jovem monge que abandonou Cister para ingressar na ordem de Cluny.

Palavras-chave: São Bernardo – Cister – Cluny

Abstract: One of the most influent figures of the Christianity in twelfth century was St. Bernard of Clairvaux. An active and prestigious man, Bernard made Cîteaux one of the most famous monastic orders in History, counterputting it to the Order of Cluny. Bernard was a strong defender of one triumphal back to the Benedictines origins of the monasticism, as well as to the way of life that Jesus took with his apostles: one frugal and austere life. Giving himself with his body and his soul to this work, Bernard wrote many letters preaching, among other things, what he believed to be the true worthies that guided the life of a monk. From the letters left by this saint, we will analyze in this communication that he wrote to his nephew Robert, young monk that left Cîteaux to enter in Cluny Order.

Keywords: St. Bernard – Cîteaux – Cluny

Em fins do século XI, o ocidente medieval viu florescer uma nova ordem monástica. Desejosa de voltar à perfeição do passado do cristianismo, onde Jesus viveu na frugalidade com seus apóstolos, e restabelecer os valores da *Regra de São Bento* (1999), a Ordem de Cister tinha a simplicidade, a humildade, e a obediência como diretrizes. Segui-las era se harmonizar com a essência da ética cristã, e distanciar-se da degradação representada pela vida secular. Ao se opor aos excessos da antiga Ordem de Cluny, Cister ganhou adeptos e se espalhou pela Cristandade.

* Mestre em História Social das Relações Políticas pela UFES. E-mail: lanzieri@uai.com.br.

Denominados monges brancos devido à simplicidade de seus hábitos, os primeiros cistercienses se afastaram das cidades, e se isolaram em campos e florestas (COLOMBÁS, 1994:592). No fundo, acreditavam serem esses lugares ideais para se libertarem dos impulsos mundanos. Os mosteiros e abadias de Cister primavam pela singeleza arquitetônica e exortação ao trabalho manual cotidiano.

O grande mentor e divulgador dos ideais cistercienses foi São Bernardo, abade de Claraval. Monge de rígidas convicções éticas e religiosas, Bernardo almejava cooptar todas as pessoas para Cister. Para realizar seu sonho, ele se valeu de seus sermões e de sua escrita. Das numerosas cartas deste santo, a primeira foi feita por volta de 1125, e se destinava a seu sobrinho, o monge Roberto de Châtillon.* *

Jovem e de saúde debilitada, Roberto não suportou os rigores de Cister, e se transferiu para Cluny em 1119. Nesta carta, Bernardo pedia o retorno de Roberto e explicitou seus sentimentos contrários à Cluny. Embora o texto se dirigisse a uma pessoa, ele era um documento aberto, e expôs o primeiro ataque de São Bernardo contra a ordem cluniacense (COLOMBÁS, 1994:521).

Cabe aqui uma advertência: a lógica literária da Idade Média é diferente da atual. Ao escrever, os medievais não tinham nossa objetividade, o que torna obrigatória a análise das fontes a partir de seus *núcleos de narrativa*, e segundo o modo pelo qual estes eram elaborados (HAMESSE, 2002:141, n. 1; LEMMERS, 1998:175-176). Além do mais, em uma época em que os recursos da escrita eram escassos, incentivava-se o discernimento através de textos que permitiam a memorização dos ensinamentos pela reflexão (CARRUTHERS, 1990:8; LAUAND, 1998:10). A carta de São Bernardo exemplifica esse estilo, e, em seu teor, versava sobre o combate entre matéria e espírito. Sua intenção: induzir os leitores daquele período – provavelmente, outros monges – a refletirem sobre seu comportamento.

As frases de Bernardo foram medidas. Atrás de sua bela retórica, encontravam-se ásperas críticas à vida cluniacense, algo que o abade de Claraval avaliava ser conflitante com os ideais da *Regra São Bento*. No entanto, São Bernardo não planejava o fim de Cluny. Pelo contrário, ele amava os cluniacenses, sua meta era alertá-los sobre os males que estabeleceram em suas casas (DUBY, 1990:55).

Do alto de sua importância e prestígio, Bernardo se curvou, e, em suas considerações iniciais, demonstrou humildade, importante valor beneditino.

* * Neste artigo, tomamos como referência a tradução para o português da carta de São Bernardo feita pelo professor Dr. Ricardo da Costa (UFES): “Carta de Bernardo a Roberto, seu sobrinho, que mudou da ordem cisterciense para cluniacense”. Disponível na *INTERNET* no endereço: www.ricardocosta.com/textos/bernardo.htm. A referida tradução foi feita a partir da edição bilingüe (latim/espanhol) encontrada em SAN BERNARDO (1993: 40-59).

É certo que a culpa de sua partida foi minha. Fui muito austero com um delicado adolescente, tratei com dureza desumana a um jovem. De fato, essa era a causa de teus murmúrios contra mim, que eu recordo, quando ainda vivia conosco. E por essa razão, segundo soube, não cessas de desprestigiar-me. Não te culpo. Eu poderia desculpar-me e explicar-te que era necessário coagir as paixões de tua adolescência lasciva, e conduzir a difícil idade desde seu começo com uma disciplina dura e áspera, como diz a Escritura: “Dá a vara a teu filho que o livrará da morte”, e em outro lugar, “O Senhor castiga aos que ama e açoita os filhos que reconhece como seus”, e este outro, “São preferíveis os golpes do amigo que os beijos do inimigo.”

Como um bom abade, Bernardo tratou seu sobrinho com carinho, e, com boa argumentação, quis ser justo: Roberto errou, mas esse erro, em parte, era fruto do tratamento rigoroso a ele imposto e da instabilidade de uma alma jovem e claudicante. Em consonância com a pedagogia medieval, que afirmava ser necessário considerar a idade dos discentes (NUNES, 1979:112), Bernardo compreendeu sua falha e por ela sofria. Porém, ele afirmou suas boas intenções, e ansiava mostrar a Roberto que uma educação disciplinada e aplicada desde cedo era o meio para se chegar à correta formação moral e intelectual de uma pessoa (COSTA, 2002:17-18).

Sofro muito porque não te tenho ao meu lado, não te vejo, pois vivo sem ti e, para mim, morrer por ti é viver, e viver sem ti é morrer. Não pergunto por que fostes; o que me dói é que não voltes. Não denuncio as causas de tua partida, mas a dilação de teu regresso. Vem e façamos as pazes; volta e satisfaça meus desejos. Vem, insisto, volta que eu cantarei com gozo: “Fora morto e reviveu; fora perdido e encontrado.”

[...] eu te engendrei para a religião com a minha palavra e com o meu exemplo. Alimentei-te depois com leite, eras ainda uma criança e não podias tomar outra coisa. E se houvesse esperado para crescer, eu também teria te dado pão. Ah, quão prematura e intempestivamente desmamaste!

Bernardo amava Roberto, amor sincero de uma mãe preocupada com o bem-estar e com as etapas do crescimento de seu filho, e de um pai intolerante com esmorecimentos. Esse complexo sentimento moldava o pensamento bernardiano: *amor não sexual* que combinava a severidade de um pai com a compreensão de uma mãe (BYNUM, 1982:115-118). Para entendermos as pretensões de São Bernardo, devemos nos ater a essas especificidades do cristianismo da Idade Média, que, muitas vezes, concebia Deus como uma entidade híbrida, e que pregava o amor entre os cristãos.

Os monges medievais estavam cômicos que os maiores tesouros que possuíam eram o amor fraterno em suas comunidades e o amor de Deus para com eles. Um sentimento *não carnal*, mas *espiritual*, sutileza difícil de ser compreendida pela pós-modernidade, pouco

atenta à *alteridade* do vasto universo cultural por trás das frases deixadas por homens de tempos tão distantes (LAUAND, 1998:106-107).

Em seguida, Bernardo revelou a seu sobrinho que ele foi aliciado por palavras doces, e estas o induziram a uma triste decisão. Roberto pecou porque foi fraco, porque se entregou a pessoas que nunca trariam conforto à sua alma.

Ele o atrai para si, o acaricia, o lisonjeia e, pregando-lhe um novo evangelho, o recomenda à embriaguez e condena sua sobriedade, fazendo-o ver que pobreza voluntária é uma vida miserável, e que são loucuras o jejum, as vigílias, o silêncio e o trabalho manual.

Aos olhos de Bernardo, as facilidades da fartura e da riqueza desafiavam o senso de disciplina dos monges. Perigosas seduções que embriagavam o corpo e dilaceravam a alma. Os prazeres que este tipo de vida proporcionava arrebatavam, mas não apresentavam a única delícia que um cristão deveria esperar: viver ao lado de Deus. Como Cristo na cruz, os monges precisavam perseverar na obediência, mesmo quando submetidos a enormes provações.

Logo na abertura de seu prólogo, *A Regra de São Bento* (1999:3) deu grande importância ao ato de ouvir, um ouvir com a alma e que permitia ao monge discernir e compreender as mensagens do Criador. Dessa forma, o silêncio era ordem nos mosteiros, pois deixava os reclusos com seus espíritos elevados e em sintonia com os desígnios celestiais (MACEDO, 2003:144-152).

Os cristãos medievais acreditavam que o corpo era a fonte dos pecados que assolavam os homens (LE GOFF, 1994:150-160). Autocontrole e disciplina eram os meios para conseguirem se desvencilhar dos vícios deste mundo. Para os monges, a negação da própria carne e de tudo a ela relacionado assumiu contornos profundamente ascéticos, concretizados em diversos tipos de castigos e jejuns. Em várias passagens, a preocupação com o corpo mostrou-se presente na carta de São Bernardo.

E o que assegura mais a salvação, a bela veste e uma comida opulenta ou a alimentação sóbria e a veste moderada? Santificam-se as peles finas e de qualidade, os tecidos sutis e preciosos, as luvas grandes e os capuzes largos, as capas de pele e as estamenhas suaves, e o que faço eu que não te sigo?

Alimentação e vestuário, símbolos de riqueza e conforto material no medievo. Ambos receberam trato especial por parte de São Bernardo, uma vez que estavam estritamente ligados aos pecados do mundo. Segundo o abade, indumentárias belas e ornamentadas não tinham valor espiritual, e somente a privação dessas lascívia efêmeras que

adornavam o corpo mostraria a um monge quão melhor era negar seu “eu” em benefício dos ganhos que lhe esperavam no Além.

No que dizia respeito às roupas, *A Regra de São Bento* previa o uso de um vestuário modesto, adequado às condições climáticas e renovado periodicamente. Os cistercienses promoveram uma revolução na interpretação deste ponto da regra, e transformaram suas vestes em emblemas de austeridade e humildade. Sem titubear, passaram a usar túnicas muito simples, que mal os protegia do cortante inverno europeu (COLOMBÁS, 1993:100-101). O que valia era a recusa máxima da carne.

Tudo isso serve de alívio para os efeminados, mas não são armas de combatentes. Os que vestem trajes delicados estão nas cortes dos reis. O vinho e seus derivados, o mosto e vida fácil servem ao corpo, não ao espírito. Os condimentos não engordam a alma, mas o corpo. Pois muitos irmãos nossos serviram muito tempo a Deus no Egito sem comer peixe.

As palavras de Bernardo apelavam à reflexão: mais tem valor o gosto dos sabores que arrebatam o corpo, ou o rigor que fortalece a alma? Para afirmar que a segunda opção era melhor, ele alicerçou no passado suas certezas. Ao fazer isso, Bernardo confirmou que lá estava a perfeição da história da humanidade, tempo em que os exemplos de virtude eram encontrados. Aos humanos, decaídos pela viciosidade do presente, o passado era o modelo no qual tinham que se espelhar (BASCHET, 2006:266).

Ainda que a regra beneditina falasse pouco acerca da comida, os cistercienses muito se consagraram a essa questão. Os monges que entravam para esta ordem precisavam se alimentar moderadamente, o que implicou na renúncia de pratos variados (COLOMBÁS, 1993:99), e no respeito pelos períodos de abstinência alimentar. Os cistercienses asseveravam que uma dieta módica e sem condimentos era a chave para o controle das pulsões sexuais (DUBY, 1990:54).

De acordo com São Bernardo, um ponto estava claro: alimentação e salvação ligavam-se visceralmente, apenas os humildes e de apetite brando chegariam ao Paraíso. Embora cativante, o pensamento bernardiano não era original, pois a relação entre alimentos e sexualidade foi uma das características do cristianismo medieval, que acreditava na firme necessidade de hábitos alimentares frugais para o domínio dos instintos primitivos do homem (LE GOFF & TRUONG, 2006: 57-59).

Se em um primeiro momento Bernardo mostrou-se afetuoso e compreensivo com seu sobrinho, nos posteriores manifestou descontentamento. Caso Roberto persistisse na deserção, sua alma se manteria em pecado, um péssimo exemplo de instabilidade e desobediência.

Ah, criança insensata! Quem te fascinou para que descumprisse os votos que teus lábios pronunciaram? Por acaso não será tua boca que te salvará ou te condenará? Por que te preocupas com o voto de teus pais e te esquece do teu? Serás julgado pelo compromisso deles ou pelo teu? Pedirão conta dos votos de teus lábios, não do deles. Por que podes te agradar em vão com o indulto apostólico se tua consciência está atada pela sentença divina? Aquele que deixa o arado e segue olhando para trás não serve para o reino de Deus.

Nesse extrato de sua carta, Bernardo falou sobre o respeito ao voto de estabilidade. Para ele, quem que vestia o hábito e era tonsurado deveria ser honrado e fiel, apagar as lembranças do mundo ao qual pertenceu, e saber que este não mais fazia parte de sua existência. No momento em que era aceito no mosteiro, o recluso despiu-se de tudo, e se entregava de corpo e alma à sua nova morada. Por pensar assim, Bernardo reafirmou um valor central dos beneditinos: negar-se a favor das questões espirituais. Igual a Jesus, o monge tinha que assumir sua missão, e dela não se esquivar.

Determinado em suas afirmações, São Bernardo foi menos decidido em sua prática, pois um de seus maiores defeitos foi justamente sua instabilidade. Envolvido com a política eclesial de seu tempo, ele viajou muito, o que o fez delegar a pessoas de sua confiança a administração de Claraval. Contudo, Bernardo permaneceu fiel à sua casa, e não aceitou outro cargo na hierarquia do clero cristão. Como abade de Claraval, ele permaneceu até a morte (COLOMBÁS, 1993:139 e 150).

Em novas advertências dirigidas a Roberto, São Bernardo insistiu no imperativo monástico de se ouvir com a alma, sublime ato espiritual que o levaria à compreensão da verdade dos ensinamentos divinos: a *sapientia* (MULDER-BAKKER, 2005:38-41). Deste modo, Roberto, e qualquer outro monge que lesse as palavras de Bernardo, tomaria consciência do dever de se interrogar acerca de sua real condição interior.

Filhinho meu, se os perversos tentam te enganar, não concordes. Não creias em qualquer espírito. Que sejam muitos os que te saúdam, mas mestre, um entre mil. Evite as ocasiões, despreze a lisonja, feche os ouvidos à adulação, interroga a ti mesmo, porque tu te conheces melhor que qualquer outro. Vigia teu coração, interroga tua intenção, consulte a verdade. Que tua consciência responda por que fugistes, por que abandonastes tua ordem, os irmãos, o lugar e a mim, que sou teu chegado na carne e muito mais no espírito.

Bernardo convidou Roberto ao discernimento, ao exame de consciência, pois sabia que a verdadeira religião residia no interior do homem (DUBY, 1990:49; LAUAND, 1998:260-262). O escopo de São Bernardo era despertar todos para a necessidade de se fazer

a correta distinção entre os apelos do bem e os do mal. Alcançar esse saber era recuperar a natureza divina do homem. Quem não possuía essa capacidade se igualava às bestas (COSTA, 2005:37 e 63). Os cistercienses asseguravam que na vida abjeta de Cluny a formação desse saber estava ameaçada.

O cuidado dos monges de Cister com o corpo não se traduziu apenas na preocupação com roupas e comida. Relegado a um plano simbólico em Cluny, o trabalho manual ganhou importância central na cosmovisão dos primeiros cistercienses, que acreditavam ser ele o mecanismo de controle das vontades do corpo (LE GOFF, 2002:567). De acordo com São Bernardo, a ociosidade fomentava mesquinhas que inibiam o progresso espiritual.

Decida-te, levanta-te, evita o ócio, esforça-te, move-te, ocupa tuas mãos, faz algo, e logo sentirás que o único que te apetece é matar a fome, não adular o paladar. Isso porque o exercício devolve o sabor a muitas coisas perdidas pela inércia. Depois de trabalhar, tu tomarás com vontade muitos alimentos que rechasas em tua ociosidade. Porque a desocupação engendra o desgosto, o trabalho a fome, e a fome, misteriosamente, torna doce o que o aborrecimento faz insípido.

Em um dos momentos mais belos de sua carta, Bernardo destacou a importância do trabalho manual na peleja contra as tolices de uma vida fácil. O monge que trabalha não tem tempo para imoralidades. Junto com as orações, o trabalho manual diário formava a via de acesso para a salvação, e também era um método para ensinar o valor dos alimentos e a necessidade de se consumi-los não por prazer, mas por serem combustível indispensável ao homem.

Perspicaz, São Bernardo apontou e disparou sua flecha. Certo, ele denunciou o apressamento dado por Cluny ao ócio. Perdidos na infundável liturgia de suas celebrações, os cluniacenses tinham pouco tempo para o trabalho, que ficava nas mãos de terceiros. Além do mais, através de vultosas doações recebidas, muitas das casas dessa ordem tornaram-se detentoras de grandes propriedades rurais que lhes proporcionaram melhoras significativas nos viveres que dispunham para o conforto de sua comunidade (COSTA, 2002:127-129). Essa abundância tornou-se um apelo perigoso à glotonaria e à lassidão. Para ampliar seu poder de convencimento, Bernardo alertou:

Te espantam as vigílias, os jejuns e o trabalho manual, mas para aquele que medita nas chamas eternas, isso é muito leve. Além disso, a lembrança das trevas exteriores faz com que a solidão não nos horrorize. Se pensas no juízo futuro das palavras ociosas, o silêncio não te desagradará em demasia. Se levas diante dos olhos do coração o pranto eterno e aquele ranger de dentes, dará no mesmo dormir sobre uma esteira ou num colchão.

A possibilidade de ir para o inferno fazia um recluso aceitar sem reclamações as asperezas do claustro. A alegação de São Bernardo era forte: melhor padecer e se corrigir neste mundo, do que sofrer as tormentas do inferno. Silêncio, jejuns, vigílias, nenhum dos sacrifícios dessas atividades ascéticas se comparava aos horrores infernais. O medo em relação ao que lhes esperava depois da morte era um motivo contundente para os monges erguerem suas armas e lutarem contra as hostes demoníacas.

Portanto, levanta-te, soldado de Cristo, levanta-te, sacode a poeira, volta à batalha da qual fugiste, para lutar com maior brio depois de tua fuga, e de teu triunfo será mais glorioso, porque Cristo tem muitos soldados que começaram a lutar com intrepidez, perseveraram e venceram, mas poucos desertores arrependidos se arrojaram de novo ao perigo que se esquivaram. Poucos foram os que puseram em fuga aos inimigos de quem fugiram. E como todo o extraordinário é precioso, me alegra que tu possas ser um desses que, quanto mais excepcionais, mais são gloriosos.

[...] o adversário te persegue mais alegremente se foges que se lhe fazes frente, ataca com mais audácia pelas costas, mas oferece menos resistência quando é enfrentado. Tu lanças as armas e dormes tranqüilo pela manhã precisamente na hora em que Cristo ressuscitou, e ignoras que desarmado perdes valor e és menos temível para os inimigos?

Bem e mal cruzavam gládios, mas a vitória sempre sorria para os soldados cristãos. Os cistercienses eram combatentes preparados e sabiam que Deus os protegia como um escudo indestrutível. Mas, mesmo certos do triunfo, eles não poderiam baixar guarda. Em uma visão humana desses guerreiros, São Bernardo sabia de seus esmorecimentos, de suas dúvidas, afinal, o combate era árduo. Por ter consciência disso, ele os confortou, e assegurou que Deus não os abandonaria, nem mesmo em períodos inglórios, e se alegrava com aqueles que se arrependiam e retomavam seu lugar na luta.

A postura belicista de São Bernardo, que defendia o uso justificado da violência, sobretudo na defesa do cristianismo contra seus opositores, encontrava-se arraigada no pensamento medieval e afirmava o permanente duelo das forças do bem contra as do mal (FRANCO JÚNIOR, 2001:146-150). Sem meias verdades, Bernardo fez uma intimação: as dificuldades existiam, mas elas não justificavam a covardia, que servia apenas para fortalecer o inimigo.

Por volta de 1128, o monge Roberto de Châtillon retornou para Cister. O incansável São Bernardo de Claraval venceu mais uma de suas muitas batalhas pessoais (COLOMBÁS, 1994:521). Misericordioso e perseverante na busca pela vitória, ele conseguiu mostrar a seu sobrinho a gravidade do erro cometido.

Em sua essência, a carta de Bernardo a Roberto sintetiza os valores que os cistercienses desejavam estabelecer entre aqueles que abraçaram o monasticismo. Valores de

raízes profundas na Ordem de Cister em seus primeiros anos, mas que, aos poucos, foram desvirtuados pelo seu crescimento. No segundo século seguinte ao seu surgimento, Cister se corrompeu e sucumbiu pelos mesmos erros que apontou em Cluny. Humanos, os cistercienses foram seduzidos pelos caprichos de sua natureza.

Em relação à Cluny, as incisivas críticas de São Bernardo geraram certa animosidade, mas muitos de seus membros perceberam que algo precisava ser feito. Sem muito sucesso, buscaram corrigir os abusos cometidos. Contudo, Cluny não mais se recuperou, e viu sua hegemonia sensivelmente abalada.

Bibliografia

Fontes primárias:

SAN BERNARDO DE CLARAVAL. **Obras completas de San Bernardo**. Madrid: BAC, ocho volúmenes, 1993, MCMXCIII-MCMXCIV.

SÃO BENTO DE NÚRSIA. **A regra de São Bento** (edição bilíngüe: latim / português). 2. ed. Juiz de Fora: Mosteiro da Santa Cruz, 1999.

Fontes secundárias:

BASCHET, Jérôme. **A civilização feudal: do ano mil à colonização da América**. São Paulo: Globo, 2006.

CARRUTHERS, Mary. **The book of memory: a study of memory in medieval culture**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

COLOMBÁS, García M. **La tradición benedictina: ensayo histórico (el silgo XII)**. Zamora: Monte Casino, t. IV, volume I, 1994.

_____. **La tradición benedictina: ensayo histórico (el silgo XII)**. Zamora: Monte Casino, t. IV, volume I, 1994.

COSTA, Ricardo da. A educação infantil na Idade Média. **Videtur**, Porto, n. 17, p. 13-20, 2002.

_____. **Las definiciones de las siete artes liberales y mecánicas en la obra de Ramón Llull**. São Paulo / Porto: Mandruvá, 2005.

DUBY, Georges. **São Bernardo e a arte cisterciense**. São Paulo: Martins fontes, 1990.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A Idade Média: nascimento do ocidente**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2001.

HAMESSE, Jacqueline. O modelo escolástico da leitura. In: CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger (orgs.). **História da leitura no mundo ocidental**. São Paulo: Ática, 2002, v. 1, p. 123-146.

LAUAND, Luiz Jean (org.). **Cultura e educação na Idade Média**: textos do século V ao XII. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

LE GOFF, Jacques. **O imaginário medieval**. Lisboa: Estampa, 1994.

_____. Trabalho. In: **Dicionário temático do ocidente medieval**. São Paulo: Edusc / Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2002c, v. 2, p. 559-572.

_____; TRUONG, Nicolas. **Uma história do corpo na Idade Média**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

LEMMERS, Trudy. **Guibert van Nogent Monodiae**: een twaalfde-eeuwse visie op kerkelijk leiderschap. Hilversum: Verloren, 1998.

MACEDO, José Rivair. Disciplina do silêncio e comunicação gestual: os *signa loquendi* de Alcobaça. **Signum**: Revista da ABREM, São Paulo, v. 5, 2003, p. 133-167.

MULDER-BAKKER, Anneke B. **Lives of the anchoresses**: the rise of the urban recluse in medieval Europe. Philadelphia: University of Pennsylvania, 2005.

NUNES, Ruy Afonso da Costa. **História da Educação na Idade Média**. São Paulo: Edusp, 1979.